APRESENTAÇÃO PRESENCIAL - I - PRÁTICAS PSICOLÓGICAS

NÃO HÁ SOFRIMENTO FORA DA HISTÓRIA: A HISTORICIDADE COMO CONDIÇÃO DE POSSIBILIDADE PARA A CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Eduardo Teixeira (eduardoltexeira@gmail.com)

O presente trabalho propõe uma inflexão crítica no campo da psicologia fenomenológico-existencial ao sustentar a tese de que não há sofrimento fora da história. Em um cenário contemporâneo marcado pela rápida captura, nomeação e medicalização da experiência, o sofrimento tende a ser imediatamente traduzido em categorias diagnósticas que, ao mesmo tempo que organizam a prática clínica, podem reduzir a complexidade do existir a formas previamente estabilizadas. Diante disso, o estudo interroga: de onde provêm as formas pelas quais reconhecemos algo como sofrimento?

A partir da história das mentalidades, especialmente em Marc Bloch e Lucien Febvre, argumenta-se que os modos de sentir, pensar e sofrer são historicamente constituídos, o que desestabiliza qualquer pretensão de universalidade do sofrimento. Em diálogo com Georges Minois, evidencia-se que até mesmo experiências-limite, como o suicídio, variam conforme os

horizontes históricos que as tornam possíveis. A análise se radicaliza com Michel Foucault, ao demonstrar que as categorias psicológicas operam como dispositivos de poder-saber, participando da produção dos modos de sofrimento que pretendem apenas descrever.

Articulando essa perspectiva com Søren Kierkegaard, sustenta-se que há sofrimentos que não aparecem — não por ausência, mas por impossibilidade histórica de reconhecimento — tensionando a suposição clínica de que o sofrimento se apresenta de modo transparente. Com Paul Ricoeur, explicita-se que toda compreensão é mediada e interpretativa, problematizando a noção de suspensão fenomenológica como ponto de partida e evidenciando seus limites históricos.

No campo clínico, as contribuições de Ana Maria Feijoo permitem radicalizar a escuta como abertura ao sentido, compreendendo o sofrimento não como objeto a ser explicado, mas como modo de existir no interior de um mundo historicamente constituído. Assim, a clínica fenomenológico-existencial é recolocada como um espaço de tensão, no qual não se trata apenas de escutar o que aparece, mas de sustentar as condições para que algo possa, finalmente,aparecer.

Conclui-se que a articulação entre história e psicologia não é complementar, mas condição de possibilidade para uma escuta clínica que resista à redução, à pressa e à ilusão de saber antecipado. Em tempos de aceleração e padronização do sofrimento, afirma-se a urgência de uma clínica que reconheça sua própria historicidade e sustente, como tarefa ética, a abertura ao que ainda não pôde ser dito.

Palavras-chave: sofrimento; historicidade; clínica fenomenológico-existencial; escuta; história das mentalidades.